

Governo americano pressiona para Brasil fazer acordo

JOSÉ MEIRELLES PASSOS

WASHINGTON — Para a Comissão Reguladora dos bancos americanos — Interagency Country Exposure Review Committee (Icerc) — o Brasil, de fato, merece ser classificado como mau pagador e, portanto, rebaixado à posição de **value impaired** (valor depreciado), por ter interrompido o pagamento dos juros há oito meses. Tal classificação, no entanto, ainda não se tornou oficial devido a uma discreta mas efetiva intervenção da Casa Branca. Ainda que a Icerc tenha autonomia para esse tipo de decisão, desta vez o assunto foi parar na mesa do Secretário do Tesouro, James Baker III.

Preocupado com as consequências de um rebaixamento desse tipo — que acabaria, no fundo, afetando ambas as partes — ele está usando esse grave veredito para pressionar o Brasil e os banqueiros a apressarem um acordo nas negociações de Nova York, ainda que se trate de um acordo provisório.

O funcionário americano que fez tais revelações ao GLOBO, ontem, aqui, disse ainda que também devido a questões políticas, não se decidiu ainda por uma retaliação comercial contra o Brasil como resposta à Lei de reserva de mercado para a informática.

— A reunião do Conselho de Política Econômica da Casa Branca marcada para esta quinta-feira, na qual deveria haver uma decisão a respeito, acabou sendo adiada para a próxima terça-feira, também a pedido do Secretário Baker. Ele tenta evitar



Classificação depende de Baker

que uma punição desse tipo acabe colocando em risco a negociação do Governo brasileiro com os banqueiros. E tem esperanças de que até terça-feira tudo já tenha sido solucionado — disse o funcionário.

O Departamento do Tesouro e o Federal Reserve Board (o Banco Central americano) têm tido, ultimamente, um papel mais influente nas relações entre o Brasil e seus credores privados. A discussão da dívida externa, enfim, está sendo conduzida a nível político e não meramente econômico-financeiro. E só por isso a situação brasileira não se complicou, segundo dizem tanto banqueiros

quanto analistas do mercado financeiro e funcionários do Governo americano.

A tendência é a de se evitar espalhar mais incertezas no mercado, depois da violenta queda na Bolsa de Nova York, que semeou o pânico no setor dias atrás:

— Se o Brasil chegar a ser, de fato, declarado **value impaired**, a situação ficará negra. Esse é exatamente o tipo de coisa que o mercado menos necessita no momento. Não queremos mais notícias ruins — diz Christine Bindert, Vice-Presidente da Shearson Lehman Brothers, uma das maiores corretoras financeiras dos Estados Unidos.

Uma classificação desse tipo seria nociva para os bancos americanos e, ao mesmo tempo, significaria um desastre para o Brasil. Os credores teriam, de imediato, de declarar como prejuízos 10% da dívida — o que certamente influiria na cotação de suas ações no mercado e, em última instância, acabaria atingindo o bolso do americano comum, ultimamente perplexo diante da instabilidade do sistema financeiro.

Quanto ao Brasil, haveria de imediato uma restrição ao seu acesso ao crédito externo. Na prática, o País passaria por um isolamento da comunidade financeira mundial até que a situação fosse novamente normalizada. Só que, nesse meio tempo, as linhas de crédito de curto prazo — que financiam o comércio exterior brasileiro — sofreriam um baque considerável, tornando ainda mais difícil ao Brasil vender seus produtos e, portanto, acumular divisas necessárias para sanear suas contas.